

1 a 15 de janeiro de 2016As principais informações da
economia mundial, brasileira e baianaSuperintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na primeira quinzena de 2016, os principais destaques da conjuntura econômica do Brasil foram: o IPCA de dezembro foi o maior desde 2002; o IGP-DI desacelerou em dezembro; queda no consumo de energia elétrica; queda da produção de petróleo foi reflexo da greve dos trabalhadores; houve recuo da produção industrial em novembro; a atividade do comércio nacional teve o pior resultado em dezembro desde 2002; número de emplacamentos caiu em 2015; recorde de safra agrícola em 2015; o volume de serviços diminuiu em novembro; o desemprego elevou-se no semestre até outubro.

Na conjuntura internacional destacaram-se os seguintes acontecimentos econômicos na quinzena em apreço: queda na produção industrial, nas vendas no varejo e no PMI de serviços nos Estados Unidos; alta no índice PMI da indústria de transformação da Área do Euro; estabilidade da inflação ao consumidor na Área do Euro em dezembro; índices PMIs da China apontaram continuidade da desaceleração da economia em dezembro de 2015.

IPCA de dezembro foi o maior desde 2002

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de dezembro variou 0,96% e ficou 0,05 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de novembro (1,01%). Ainda assim, foi a taxa mensal mais alta para um mês de dezembro desde 2002 (2,10%). Em dezembro de 2014, a taxa foi de 0,78%. No ano, o IPCA acumulou alta de 10,67%, bem acima do anotado em 2014 (6,41%), e a taxa mais elevada dos últimos 13 anos, quando subiu 12,53% em 2002. Alimentação e bebidas (1,50%) e Transportes (1,36%), juntos, responderam por 66% do IPCA no mês, dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados. O IPCA da Região Metropolitana

de Salvador fechou dezembro com taxa de 0,94%, e no ano acumulou taxa de 9,86% (IBGE, 08/01/2016).

IGP-DI desacelerou em dezembro

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) variou 0,44%, em dezembro. A variação registrada em novembro foi de 1,19%. Em dezembro de 2014, a variação foi de 0,38%. A taxa acumulada em 2015, de janeiro até dezembro, foi de 10,70%. Em 2014, o IGP-DI acumulou alta de 3,78%. A alta do indicador respondeu à forte desvalorização cambial que ocorreu no ano passado e que influenciou principalmente os preços no atacado, que têm peso de 60% no indicador. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) registrou, em dezembro, variação de 0,33%. Em novembro, a taxa foi de 1,41%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou variação de 0,88%, em dezembro, quando comparada com 1,00%, no mês anterior. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) registrou, em dezembro, taxa de variação de 0,10%, abaixo do resultado do mês anterior, de 0,34% (FGV, 07/01/2016).

Queda do índice de preços ao produtor em novembro

Em novembro de 2015, o Índice de Preços ao Produtor (IPP) variou negativamente 0,28% em relação ao mês anterior, quando o índice subiu 1,77%. O acumulado no ano foi de 9,35%, contra 9,66% em outubro. O acumulado em 12 meses foi de 9,55%, contra 10,89% em outubro. O Índice de Preços ao Produtor (IPP) das Indústrias Extrativas e de Transformação mede a evolução dos preços de produtos “na porta de fábrica”, sem impostos e fretes. Entre as 24 atividades das indústrias extrativas e de transformação, 12 apresentaram variações positivas de preços, contra 18 do mês anterior. Destaque para indústrias extrativas (-10,08%), madeira (-2,74%), calçados e artigos de couro (-2,54%) e bebidas (-2,11%) (IBGE, 08/01/2016).

Consumo nacional de energia elétrica recuou em novembro

O consumo nacional de energia elétrica somou 39.128 GWh em novembro, o equivalente a uma queda de 1% em relação a outubro, de acordo com dados divulgados pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e dessazonalizados pelo Depec-Bradesco. O recuo foi generalizado, com destaque para o consumo industrial, que retraiu 3,5% no período. Já em relação ao mesmo período do ano anterior, a queda de 4,4% do total consumido foi influenciada pelas retrações de 8,9% da indústria, 2,2% das residências e 2,6% do comércio, na mesma base de comparação. É esperado que o consumo nacional de eletricidade continue enfraquecido nos

próximos meses, diante da desaceleração da atividade doméstica e do aumento dos custos da energia elétrica acumulado no ano passado (*ECONOMIA EM DIA*, 05/01/2016).

Queda da produção de petróleo em novembro

A produção de petróleo atingiu 2,38 milhões de barris por dia (bpd), conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O resultado representa retração de 1,1% na margem, refletindo a greve de trabalhadores da Petrobras, que perdurou por mais de 15 dias. No mesmo sentido, a produção de gás natural caiu 3,5% entre outubro e novembro, somando 94,2 milhões de metros cúbicos por dia. Já a produção de petróleo e gás natural nos campos de pré-sal atingiu 1,023 milhão de óleo equivalente em novembro, o que representa uma alta de 1,7%. Para dezembro, espera-se alta da produção de petróleo e gás natural, em razão da normalização das atividades nas plataformas (*ECONOMIA EM DIA*, 05/01/2016).

Produção industrial recuou em novembro

Em novembro de 2015, a produção industrial recuou 2,4% quando comparado com o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, sexto resultado negativo seguido, acumulando nesse período perda de 8,3%. A queda desse mês foi a mais intensa desde dezembro de 2013 (-2,8%). No confronto com igual mês do ano anterior, o total da indústria apontou queda de 12,4% em novembro de 2015, 21ª taxa negativa consecutiva nesse tipo de comparação e a mais acentuada desde abril de 2009 (-14,1%). No índice acumulado para os 11 meses de 2015, o setor industrial mostrou redução de 8,1%. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos 12 meses, com queda de 7,7% em novembro de 2015, assinalou a perda mais intensa desde novembro de 2009 (-9,4%) e manteve a trajetória descendente iniciada em março de 2014 (2,1%). Dos 24 ramos pesquisados 14 tiveram queda nas produções, com destaque para indústrias extrativas (-10,9%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-7,8%), ressaltando que a greve dos petroleiros e o rompimento da barragem de Pasadena em MG influenciaram a queda nos ramos (*IBGE*, 07/01/2016).

Indústria caiu na maioria das localidades pesquisadas em novembro

A redução de ritmo observada na produção industrial nacional na passagem de outubro para novembro de 2015 (-2,4%), série com ajuste sazonal, foi acompanhada por nove dos

14 locais pesquisados, com destaque para os recuos mais intensos registrados por Espírito Santo (-11,1%), Ceará (-4,5%) e Minas Gerais (-4,0%). A região Nordeste (-2,8%) e São Paulo (-2,6%) também apontaram recuos mais elevados do que a média nacional (-2,4%), enquanto Amazonas (-2,1%), Bahia (-2,0%), Paraná (-1,3%) e Goiás (-0,9%) completaram o conjunto de locais com índices negativos em novembro de 2015. Pernambuco (3,5%) mostrou o avanço mais elevado nesse mês e intensificou a expansão de 0,5% observada em outubro último. Os demais resultados positivos foram registrados por Pará (1,9%), Santa Catarina (1,8%), Rio de Janeiro (1,2%) e Rio Grande do Sul (1,1%). Na comparação com igual mês do ano anterior, a produção industrial caiu 12,4% em novembro de 2015, com resultados negativos em 13 dos 15 locais pesquisados. Os recuos mais intensos ocorreram em Amazonas (-19,9%), Espírito Santo (-19,8%) e Paraná (-16,7%) (IBGE, 12/01/2016).

Vendas no varejo subiram em novembro

Em novembro de 2015, o volume de vendas do comércio varejista avançou 1,5% sobre o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais. Nessa mesma comparação, a variação na receita nominal foi de 2,3%. O total do volume de vendas apontou queda de 7,8% em relação a novembro de 2014, oitava taxa negativa seguida nesse tipo de comparação e a mais acentuada desde março de 2003 (-11,4%). Assim, os resultados permanecem negativos para o volume de vendas no acumulado de janeiro-novembro de 2015 (-4,0%) e para os últimos 12 meses (-3,5%). A receita nominal, para essas mesmas comparações, mantém-se no campo positivo, com variações de, respectivamente: 1,4%; 3,3% e 3,6%. Cinco das oito atividades pesquisadas tiveram variação positiva em novembro, com destaque para móveis e eletrodomésticos (6,9%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (4,1%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (1,2%). O comércio varejista ampliado, em relação ao mês anterior cresceu 0,5%, no entanto na comparação com novembro de 2014, houve queda no varejo de 8,4% e, em 12 meses, recuou de 7,8%. Na Bahia, o comércio varejista teve queda de 12,2% na comparação com o mesmo período do ano passado. No ano, o recuou foi de 7,4%, e em 12 meses, o comércio varejista diminuiu 6,5% (IBGE, 13/01/2016).

Atividade do comércio teve o pior resultado desde 2002

A atividade do varejo caiu 0,9% no Brasil em dezembro, na comparação com novembro, tendo feitos os ajustes sazonais, e encerrou 2015 com retração de 1,3%, pior resultado desde 2002, quando o recuo foi de 4,9%, segundo dados da Serasa Experian. O resultado de 2015 foi também o primeiro balanço anual negativo desde 2002. Em 2014, o movimento do comércio havia crescido 3,7%, e no auge da crise financeira, em 2009, o varejo aumentou 6,1%, quando comparada com o ano anterior, onde havia crescido 13,2%. O segmento do varejo que mais

sentiu essa conjuntura desfavorável foi o da venda de automóveis motos e peças, que recuou 19% em 2015. Em dezembro, a queda foi de 3,1% ante novembro (VALOR, 12/01/2016).

Redução do número de emplacamentos em 2015

Segundo dados apurados pela Fenabrave – Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores, as vendas de todos os segmentos somados (automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus, motocicletas, implementos rodoviários, e outros, como carretinhas para transporte) apresentaram queda acumulada de 21,85% em 2015, no comparativo com 2014. Ao todo, foram emplacadas 3.982.816 unidades em 2015, quando comparada com as 5.096.207 registradas no ano anterior. Em dezembro, o segmento apresentou crescimento de 19,11% quando comparada com o mês anterior. E em relação a dezembro de 2014, houve retração de 27,62%. As concessionárias encerraram o ano com um estoque médio de veículos de 50 dias de vendas, índice considerado alto pelo setor (FENABRAVE, 06/01/2016)

Safra de 2015 foi recorde

Em 2015, foram produzidas 209,5 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas no país, superando em 7,7% a produção de 2014. A décima segunda estimativa de 2015 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas (algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, trigo e triticale) totalizou 209,5 milhões de toneladas, 7,7% superior à de 2014 (194,6 milhões de toneladas) e menor 746.519 toneladas (-0,4%) que a avaliação de novembro. Entre as Grandes Regiões, o volume da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas foi: Centro-Oeste, 89,9 milhões de toneladas; Sul, 76,0 milhões de toneladas; Sudeste, 19,3 milhões de toneladas; Nordeste, 16,6 milhões de toneladas e Norte, 7,7 milhões de toneladas. Nessa avaliação para 2015, o Mato Grosso liderou como maior produtor nacional de grãos, com uma participação de 24,9%, seguido pelo Paraná (18,0%) e Rio Grande do Sul (15,2%), que somados representaram 58,1% do total nacional previsto (IBGE, 12/01/2015).

Volume de serviços caiu em novembro

O volume de serviços prestados no Brasil, em novembro de 2015, caiu 6,3%, na comparação com igual mês do ano anterior, a maior da série iniciada em 2012, contra -5,8% de outubro e -4,8% de setembro. Com isso, manteve-se a sequência de resultados negativos registrados em 2015, à exceção de março (2,3%). Quanto aos resultados por atividade, todos os

segmentos registraram variações negativas: serviços prestados às famílias (-6,6%); serviços de informação e comunicação (-4,4%); serviços profissionais, administrativos e complementares (-6,6%), transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio (-8,2%) e outros serviços (-7,4%). A taxa acumulada no ano ficou em -3,4% e, em 12 meses, -3,1%. Na comparação com igual período do ano de 2014, a Bahia apresentou a maior variação negativa entre os estados pesquisados (-17,9%) (IBGE, 14/01/2016).

Setor de serviços intensificou retração em dezembro

A retração do setor de serviços no Brasil se intensificou em dezembro, com a contração econômica reduzindo ainda mais os novos negócios e aprofundando o corte de postos de trabalho, mostrou o Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês). O Markit informou que o PMI de serviços brasileiro caiu a 43,5 pontos em dezembro, na comparação com 45,5 em novembro, permanecendo abaixo da marca de 50 que separa crescimento de retração da atividade. Em 2015, o indicador ficou acima de 50 apenas em fevereiro, e a pior leitura foi registrada em julho, quando ficou em 39,1 pontos (REUTERS, 06/01/2016).

Desemprego subiu no trimestre até outubro

A taxa de desocupação no trimestre móvel encerrado em outubro de 2015 cresceu 9,0%, ficando acima da taxa do trimestre imediatamente anterior (6,6%) e superando, também, a do trimestre móvel encerrado em julho de 2015 (8,6%). A população desocupada (9,1 milhões de pessoas) cresceu 5,3% (mais 455 mil pessoas) em relação ao trimestre de maio a julho e subiu 38,3% (mais 2,5 milhões de pessoas) no confronto com igual trimestre de 2014. Já a população ocupada (92,3 milhões de pessoas) ficou estável em ambas as comparações. O número de empregados com carteira assinada recuou 1,0% frente ao trimestre encerrado em julho e caiu 3,2% frente a igual trimestre de 2014. O rendimento médio real habitualmente recebido em todos os trabalhos (R\$ 1.895) ficou estável frente ao trimestre de maio a julho (R\$ 1.907) e em relação ao mesmo trimestre de 2014 (R\$ 1.914). A massa de rendimento real habitualmente recebida em todos os trabalhos para o trimestre encerrado em outubro (R\$ 169,6 bilhões) também não apresentou variação estatisticamente significativa em ambos os períodos de comparação (IBGE, 15/01/2016).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Produção industrial dos EUA caiu mais que o esperado em dezembro

A produção industrial dos Estados Unidos caiu pelo terceiro mês consecutivo em dezembro, com redução do nível de atividade no setor de mineração e no de infraestrutura. Com ajuste sazonal, a queda da produção industrial dos EUA foi de 0,4% em dezembro comparando com o mês anterior, de acordo com dados divulgados pelo Federal Reserve. No setor de infraestrutura, o uso da capacidade caiu para 73,2%, no menor nível da série histórica, iniciada em 1972. Considerando a indústria de transformação, que responde por quase três quartos da produção industrial dos EUA, a queda foi de 0,1% no nível de atividade em dezembro. A produção do setor de mineração caiu 0,8% em dezembro, o quarto declínio mensal consecutivo (VALOR, 15/01/2016).

Vendas no varejo dos Estados Unidos caíram em dezembro

As vendas do varejo nos EUA caíram 0,1% em dezembro na comparação com o mês anterior, com ajuste sazonal, totalizando US\$ 448,1 bilhões no mês, de acordo com dados divulgados pelo Departamento de Comércio. Em comparação ao mesmo mês do ano passado, as vendas cresceram 2,1% em dezembro de 2015, o menor ritmo de crescimento para o período em seis anos de recuperação econômica nos EUA. O declínio observado em dezembro ocorreu em base ampla, com os consumidores tendo gasto menos em gasolina, vestuário, itens de mercearia, entre outros. Em dezembro, as vendas de postos de combustíveis caíram 1,1%, acumulando perdas de 19,4% em relação ao mesmo mês do ano passado (VALOR, 15/01/2016).

PMI de serviços dos Estados Unidos caiu em dezembro

A leitura final do índice dos gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) do setor de serviços nos EUA em dezembro foi a mais baixa em 11 meses, atingiu 54,3 pontos, comparada a 56,1 em novembro, de acordo com dados divulgados pela Markit. O dado final de dezembro também ficou abaixo da média observada desde o início da série histórica do indicador, no fim de 2009, correspondente a 55,8. A desaceleração registrada em dezembro resultou de um menor nível de confiança dos consumidores, observado pelas empresas de serviços, bem como de incertezas das empresas quanto à perspectiva para os negócios (VALOR, 06/01/2016).

Aumento do índice PMI da indústria de transformação da Área do Euro em 2015

O índice PMI Markit da indústria de transformação passou de 52,8 para 53,1 pontos entre novembro e dezembro. O resultado, que ficou em linha com a leitura preliminar (53,1 pontos), marcou o maior patamar do indicador registrado desde abril de 2014. O melhor resultado em relação ao mês anterior refletiu o avanço generalizado de seus componentes, com destaque para as altas de produção, número de novos pedidos e geração de empregos no setor. A maioria dos países da região contribuiu de forma positiva para a melhora do índice. Cabe chamar atenção para o resultado da Alemanha, que subiu de 52,9 para 53,2 pontos entre novembro e dezembro. Exceções, contudo, devem ser feitas, a Holanda, Espanha e Áustria, que registraram quedas nesse período de comparação. Dessa forma, espera-se aceleração da atividade industrial na Área do Euro no último trimestre de 2015 (*ECONOMIA EM DIA*, 04/01/2016).

Inflação ao consumidor da Área do Euro seguiu estável em dezembro

O índice de preços ao consumidor mostrou alta de 0,2% em dezembro, na comparação interanual, de acordo com os dados preliminares divulgados pelo Eurostat. O resultado, que representa estabilidade em relação ao mês anterior, ficou ligeiramente abaixo da elevação de 0,3% projetada pelo mercado. Esse refletiu, em grande medida, a nova deflação dos preços de energia, que recuaram 5,9% em relação a dezembro de 2014. Assim, o núcleo do índice, que exclui os itens de energia, alimentação, álcool e tabaco, registrou elevação interanual de 1,2% (*ECONOMIA EM DIA*, 05/01/2016).

Índices PMIs da China apontam continuidade da desaceleração da economia

As preocupações com a economia chinesa iniciaram este ano bastante elevadas. O resultado dos índices PMIs do setor manufatureiro frustrou as expectativas, com destaque para o indicador Caixin, que recuou de 48,6 para 48,2 pontos entre novembro e dezembro. O indicador calculado pelo escritório de estatísticas da China (National Bureau of Statistics, NBS), por sua vez, mostrou leve alta, de 49,6 para 49,7 pontos, no período. Por outro lado, o índice PMI do setor de serviços, apurado também pelo NBS, avançou de 53,6 para 54,4 pontos entre os dois últimos meses do ano passado. Com isso, o mercado acionário do país reagiu de forma bastante negativa, com as negociações da bolsa de Shanghai suspensas após queda de 7% no primeiro dia de negócios do ano (*ECONOMIA EM DIA*, 04/01/2016).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 15 de janeiro, a mediana das projeções do IPCA para 2016 avançou de 6,86% para 7,00%. Para 2017, a previsão passou de 5,17% para 5,40%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro passou a previsão de -2,81% para -2,99%. Em 2017, a estimativa de crescimento manteve-se em 1,00%. As expectativas do mercado, para a primeira quinzena de janeiro de 2016, podem ser visualizadas nos dados do Relatório Focus, apresentados na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2016			2017		
	24 dez.	15 jan.	Comportamento	24 dez.	15 jan.	Comportamento
IPCA (%)	6,86	7,00	▲	5,17	5,40	▲
IGP-M (%)	6,48	6,60	▲	5,05	5,28	▲
Taxa de câmbio – média do período (R\$/US\$)	4,11	4,14	▲	4,08	4,18	▲
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	15,25	15,25	=	12,59	12,88	▲
PIB (% do crescimento)	-2,81	-2,99	▼	1,00	1,00	=
Produção Industrial (% do crescimento)	-3,50	-3,47	▲	1,98	1,80	▼
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-38,60	-38,00	▲	-32,15	-32,00	▲
Balança Comercial (US\$ bilhões)	33,00	35,50	▲	34,18	38,80	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	55,00	55,00	=	60,00	60,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 15/1/2015.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
João Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
Eliana Maria Santos Boaventura

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Caroline Crisostomo dos Santos (Estagiária)

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Aline Cruz

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu

